

I

A LUZ

A pequena Marta viveu na grande casa de família como se estivesse em permanente exílio, como se do quarto de sua mãe a tivessem levado para longínquos quartos e não soubesse a razão e o tempo da mudança. Também a pequena alma de Marta, à força da crueldade mortal desses corredores e quartos, se exilava a pouco e pouco na Natureza viva. O testemunho dessa entrega, muito variado e longo, desde os cuidados dispensados aos pequenos coelhos nas luras, esfregando as mãos com funcho para que a mãe não os enjeitasse, até à contemplação imóvel de qualquer das árvores ou ervas é, em parte, este relato.

Marta era activa e pragmática. Decidira um dia ajudar para todo o sempre o Caseiro, nas tarefas de agricultura e do trato dos animais. O dia começava com o balir das ovelhas e a saída do rebanho miniatural para os campos circundantes. Campos bravios circundavam a casa e a Quinta murada. Campos de lírios brancos, funcho e serralhas, uma erva recortada e tenra, de que os coelhos gostavam especialmente. Rude e paternal, o Caseiro era um homem vindo de quintais minhotos, capaz de

semear de tudo um pouco, como de facto fazia. Ao começar do dia, trazia numa das mãos três ferros com uma extremidade pontiaguda e outra em olhal. Na outra mão, levava três cordas. Aliás, Marta levava uma parte das cordas. Pequena como era, não podia ainda ajudar no transporte dos ferros. O Caseiro dizia: a Menina Marta ajuda mais que o meu filho. Então, Marta pensava para consigo: toda a minha vida ajudarei este homem, igual todos os dias como o Sol, forte e agradecido. Toda a vida ajudarei estas ovelhas, filhas da vida da terra.

Ainda dormia o filho do Caseiro, o inquieto Lázaro, quando o Caseiro e Marta saíam pelo portão mais pequeno da Quinta para os campos livres. Mais tarde, sempre antes do meio-dia solar, Lázaro vinha, a correr desabrido. Sobressaltava as ovelhas, que ao vê-lo rodavam em círculo. Um pequeno rebanho, atemorizado, sem zagal disponível a todas as horas. O Caseiro e Marta, ao chegarem a uma mancha de verdura, paravam, olhavam o terreno. O Caseiro dizia: hoje ficam aqui. Marta olhava devagar os lugares, as pequenas ervas matizadas, enquanto o Caseiro cravava os ferros e prendia a cada um uma ovelha. Assim, Marta foi zagala de ovelhas presas, tontas, que giravam em círculos desconexos, atrás de sombras. Não era o Paraíso, mas o Purgatório. Penavam, na loucura circular, até à canícula. Lázaro, impiedoso, fustigava-as com ramos, em roda, velocíssimas.

Marta, que seguia o Caseiro, de volta ao campo, pela alta do calor, via ao longe que de repente as enlouquecidas ovelhas rodavam enormes, empurradas pelo medo da outra criança maliciosa. Ao longe, no calor espesso, junto das suas próprias sombras, o grotesco rebanho aterrorizava-a, então. Animais enormes, ervas que a luz tornava maiores, imagens múltiplas que flutuavam no ar, vibrando no Sol. Não, não era o Paraíso, mas o lugar do terror.

Um dia, na manhã, o Caseiro saiu da sua pequena casa, num dos cantos da Quinta, sombria. Marta disse: bom-dia.

Respondeu: Menina. Marta esperou. Ele disse: Menina, o seu pai não quer que a Menina saia da Quinta com as ovelhas. Agora tem de dormir mais, que está na escola. O Lázaro ajuda. A mãe foi acordá-lo. Marta grita: sou eu que ajudo com as ovelhas. Sou eu. Para o colégio vou depois. Dá tempo. E de súbito, a Voz, por trás, troou: do Tempo sei eu. Quem decide como repartir o Tempo sou eu. As horas sou eu que as divido. E a Voz tinha eco, de repente, sobre as árvores e o jardim. Marta pensou: eu vou. Correu para além da voz do amo e senhor, e entrou em casa, a grande casa do exílio, pegando na pasta de través, saiu o portão grande do Cosmos. A voz no espaço interior, a silenciosa mãe oculta em qualquer quarto ficaram invisíveis. Apenas Marta rodeou o muro da Quinta, no exterior revestido de heras, regressou ao seu mundo pastoril, junto ao portão mais pequeno. Fora do portão já, o Caseiro olhava-a e ensimesmado pela voz do patrão, olhava-a agora algo receoso. Um servo e simultaneamente um senhor: o Lázaro não me sai da cama. Disse Marta: eu vou. Dá-me as cordas. Correu para o meio do campo, na hora do éden, ao sair do Sol. O Caseiro chamou-a: Menina, olhe o seu pai. Marta: já sei. Ele olhava indeciso para trás, para a casa do amo. Com afecto, disse para Marta: amanhã não venha, Menina. O Lázaro há-de-se habituar. Marta, a criança de casa de sua mãe, pensou: levada, como fui, para aquele quarto, isolado, no andar de cima da casa, por que estão eles sempre no sopé da casa? Falam palavras ininteligíveis, fossem antes mudos. Morressem, por que não morrem? Dizia Marta: quem eu ajudarei, em toda a minha vida, é este Caseiro paciente que consigo leva as ovelhas, mansas e ferozes. Lá estariam depois as ovelhas, no bater forte do Sol, transformadas pela luz e sombras em falsas terríveis imagens.

A filosofia e a virtude cívica começam a surgir, são induzidas pelos afectos da infância. Começava então a pensar na teoria das imagens, e começava a aperceber-se de uma só

memória de si. Saíra a correr o portão principal, contornara a Quinta, e chegara, de sacão, junto do Caseiro: vou contigo, dissera. E devagar, passo a passo, medidos pelo andar do Caseiro, Marta seguiu as ovelhas, no rasto das imagens. Tudo se separava e duplicava, no horizonte próximo, à volta do pequeno grupo. A Voz que testemunhara com ira o Tempo ressoava ainda ao longe. As ovelhas perseguiram as sombras das ervas. Campainhas azuis, abertas e tombadas para a frente, até ao alcance do olhar. As imagens tinham tendência para ficarem perto, sobre as coisas, a flutuar diante dos olhos. Oscilavam, mas não fugiam. Cada dia se sobrepunham mais, umas às outras. Pouco espaço etéreo sobrava para ver o ar azul.

Depois de estender as três cordas que lhe cabiam habitualmente, e de ver que as ovelhas ficavam presas, a tasquinhar ervas miúdas, Marta correu novamente à volta de dois ângulos da vedação da Quinta e foi sem atraso para a escola. Entre os saberes da língua, desde o som das letras ao som dos números, só um outro conhecimento prendia Marta à escola. Mais uma promessa eterna, que não esqueceu, na vida, aquelas flores de mióporo caídas. Uma a uma, devagar, eram enfiadas pelas raparigas em gravetos finos ou palhas de centeio bravo e enroladas em vários colares. Jesus, natural do Oriente, naquela escola de muitas nacionalidades, aceitou um dia, da mão de Marta, o colar de mióporo. Colocou-lho em volta do pescoço. Jesus estremeceu, estendeu a mão para o pequeno colar ou bracelete branco. Deixa-me, disse a Marta. Toma, guarda-o e nunca o percas. Desfaz-se. E riu, numa roda de risos. Todas as raparigas faziam colares de mióporo, que também ficariam na memória de si mesmas, como na de Marta.

A manhã passava rapidíssima na sala de aula. A sala enchia-se de vozes e de sons, movimentos apressados que faziam chegar o meio-dia. Marta corria então pela estrada de terra, entre o colégio e os campos onde deveras habitava. Ho-

je, que saiu de casa de manhã, tão furtivamente, para passar primeiro no campo onde o Caseiro iria prender as ovelhas, ao regressar ainda se sente mais furtiva. Espreita, ao longe, ainda da estrada, os animais que sem fim rodam, sobressaltados, no raio das cordas. Vê por trás de um pinheiro uma sombra ou vulto, também de criança. Pára a olhar mais fixamente as ovelhas, que a luz do Sol forte aumenta até serem monstros, enormes, obcecados pela correria em redor de um eixo. E a outra pequena figura, que também espreita a cena, mais atemoriza Marta. Parece Lázaro, que veio talvez, oculto de todos, atormentar os animais. De repente, Marta vê-o, na distância, correr até uma das ovelhas, perseguiu-a, espantá-la e fazê-la estacar depois. Consegue imobilizá-la e soltar-lhe a corda do pescoço. Faz os mesmos movimentos, em sequência igual, e solta todas. Demoram-se primeiro, uns minutos, numa moita de ervas a caminho do pinhal, depois fogem muito rápidas pelo pinhal. Marta imagina-as logo junto à praia, mais entontecidas ainda e mais ameaçadoras do que na roda louca dos meios-dias, em volta dos ferros. Imagina-as na beira da areia, entre o terreno bravio e a praia, com um halo de luz enorme que as segue e parece depois soltar-se e cair sobre si. Grita: Lázaro, o que tu fizeste. Ele não a ouve, esconde-se entre os pinheiros. As ovelhas fugiram, grita Marta ainda mais alto, corre para o portão pequeno da Quinta. Grita mais: as ovelhas. As imagens marítimas estão perto, mas ainda sem nome. Só os mitos clássicos, mais tarde, vão dar o nome às imagens e às metamorfoses. Marta deixa cair a pasta no chão junto aos degraus, senta-se ofegante. O Caseiro já a ouviu e aproxima-se do portão devagar. Menina Marta? As ovelhas! Lázaro soltou-as. Marta não quer dizer que o viu. A Menina viu-o? Marta: não sei. O vulto que se encobria atrás das árvores podia ter fugido para sempre, era o melhor que viria a acontecer, pensou, perder-se no encaço dos animais perdidos. O Caseiro: ele vai aprender. Marta: já não está